

Francês aplica golpe em índios

Integrante de organização não-governamental francesa visitou o Brasil e apresentou o projeto "Indiana Foot 98", que deveria levar índios de várias tribos para a sede do Mundial de futebol para jogar contra times da segunda divisão da França



Seleção de futebol formada por índios posa para foto antes do jogo com jogadores do time de atletas brancos, em partida que foi realizada em Pernambuco, no ano passado



Treinador mostra foto da seleção brasileira, uniformizada, formada por índios de várias tribos do país

Atacante pensou em suicídio

da Reportagem Local

O índio caiová-guarani Awá, 17, atacante da seleção indígena, diz que chegou a pensar em se matar quando ficou sabendo que não poderia mais jogar durante a Copa do Mundo, na França.

Na tribo, o suicídio é uma prática comum entre os jovens, que se desesperam com a falta de oportunidades profissionais e de mostrar que são "tão bons quanto o homem branco".

Em sua tribo, os suicídios haviam parado quando ele e o companheiro Aguilera, que já voltou para a aldeia, foram escalados para o projeto.

Aguilera, que também atua como atacante, chegou a dizer que tinha medo do que poderia acontecer com os jovens na tribo quando soube do fracasso.

Ainda hoje, Awá se emociona quando fala no assunto, mas afirma que o pior período da depressão já passou.

Uma das razões da recuperação, segundo o índio, que mora numa reserva da Funai em Dourados, no Mato Grosso do Sul, é a possível "peneira" (teste seletivo) na Holanda, que será realizada nas próximas semanas.

Mas Awá vai viajar sem ter voltado para sua aldeia. "Tive vergonha de voltar para lá sem poder mostrar que eu consegui", disse ele, por telefone à Folha, de Tocantins, onde espera para viajar para o exterior pela primeira vez na vida. (MGs)

A minha tribo é um povo muito pobre e muito carente, e ver os brancos com carro e muitas coisas faz a gente pensar que não temos chance de ser alguém. Ir para a França era um jeito de mostrar para a minha tribo que a gente é tão bom quanto o branco.

Folha - O seu companheiro, Aguilera, voltou para a aldeia. Você sabe como foi?

Awá - Não sei, mas acho que deve ter sido muito triste. Eu teria vergonha de voltar para lá sem ter conseguido. Agora só quero ir para a Holanda.

Folha - E se a promessa não for cumprida de novo, você vai desistir ou voltar?

Awá - Não. Eu vou tentar até o fim.

MALU GASPAR
da Reportagem Local

A seleção brasileira indígena de futebol, que treinou por três meses movida pelo sonho de jogar na França durante a Copa do Mundo, viu nas últimas semanas o seu projeto desmoronar.

Ao descobrir que o projeto, intitulado "Indiana Foot 98", era uma farsa, que envolvia também a Funai (Fundação Nacional do Índio) e a Embaixada da França no Brasil, os índios chegaram a pensar em suicídio, abalados com o que consideraram uma traição. O time encerrou os treinos assim que a Copa começou, e os jogadores viajaram de volta para suas tribos, desativando o Centro de Treinamento montado num sítio em Ibiúna (70 km a oeste de SP).

O preparador técnico Elvandar Noronha Júnior conta que, antes de voltar para as aldeias, os índios fizeram um ritual de despedida, que nas tribos só é feito quando alguma coisa triste acontece. O campeonato foi apresentado por uma ONG francesa (Homme Nature Production), representada pelo pesquisador François Xavier Pelletier, em março passado.

Foi ele quem visitou a Funai (Fundação Nacional do Índio) e pediu autorização para os índios participarem do projeto, além de pedir a colaboração do coordenador da ONG brasileira Indi (Insti-

tuição de Desenvolvimento dos Povos Indígenas), Emílio Barros Filho, que formou o time em 1994. A proposta era de levar cerca de 90 índios para a França, para jogar em amistosos com times da segunda divisão durante a Copa.

Para isso, trouxe documentos e cartas da Embaixada da França no Brasil e cartas de recomendação do governo francês. A Indi montou o GT e, com a ajuda de uma voluntária, pagou até as despesas de hospedagem de Pelletier, que viajou com uma acompanhante. A decepção entre os índios, vindos de tribos onde não se permite a mentira, se justifica. Nos três meses de treinamento, os 30 índios de 13 etnias diferentes que fazem parte da seleção passaram por um rígido treinamento. Durante a preparação, seis índios foram excluídos por problemas com álcool.

Os colaboradores brasileiros e a comissão técnica decidiram mandar os índios de volta às aldeias.

"Ficamos com medo que acontecesse algo pior, porque eles estavam deprimidos e agressivos", disse o técnico, Noronha Júnior. A colaboradora do projeto, a descendente de índios Sandra Eli de Melo, investiu R\$ 37 mil nos treinamentos, segundo ela. Agora, está com a casa hipotecada.

Pelletier parou de telefonar para o Brasil. Um dia antes de a Copa começar, ainda o procuravam, mas ele havia sumido.

A escalação da seleção titular

Jogador	Posição	Tribo	Idade
Lilinsaka	goleiro	funiô	25
Tsmrihu	lateral-direito	xavante	25
Tserebura	quarto-zagueiro	xavante	23
Insakalo	zagueiro central	funiô	23
Kalomary	lateral esquerdo	pareci	17
Maricá	volante	cuicuru	15
Lery	meia-esquerda	krenak	16
Idiloriná	meia-esquerda	xambióá	21
Datopisu	meia-direita	xerente	18
Awá	atacante	caiová-guarani	17
Leverri	atacante	caingangue	18

Patrocinadores do projeto acumulam dívida de R\$ 127 mil

da Reportagem Local

A Indi (ONG para desenvolvimento dos povos indígenas) e a colaboradora Sandra Eli de Melo, 38, acumularam, durante os três meses de treinamento da seleção, uma dívida estimada em R\$ 127 mil com pagamento de aluguel, alimentação e hospedagem para François Xavier Pelletier, representante de uma ONG francesa, que veio com uma acompanhante. "Eles diziam que iriam nos reembolsar todos os gastos com o dinheiro que receberiam do governo francês", diz Sandra.

Recomendação

Os representantes da ONG francesa Homme Nature Production tinham cartas de recomendação do ministério francês dos Esportes, da Embaixada da França no Brasil e da Embaixada do Brasil em Paris.

"Nunca pudemos fazer grandes projetos porque não tínhamos dinheiro. Acreditamos na proposta e só com o tempo entendemos que nos endividamos para nada", diz Emílio Barros Filho, coordenador da Indi. (MGs)



Índio brasileiro disputa cabeçada durante partida contra time de brancos, em Águas Belas, Pernambuco, em fevereiro do ano passado

Jogadores passam por teste da "peneira" na Holanda em julho

da Reportagem Local

Para pelo menos três dos jogadores da seleção indígena, jogar no exterior ainda é uma promessa.

Segundo o coordenador da Indi, os atacantes Datopisu, da tribo dos xerentes de Tocantins, Leverri, caingangue, e Awá, caiová-guarani, viajam em julho para a Holanda para uma "peneira". Se aprovados, poderão jogar lá.

Essa é a promessa que um empresário, que prefere não se identificar, fez a Emílio Barros Filho, com medo de problemas.

Além da viagem, Barros Filho afirma que os treinos em Ibiúna serviriam para contatos, e que uma multinacional estaria interessada em patrociná-los em amistosos.

"Apareceram muitos olheiros e empresários, que falaram em levar jogadores para a Lusa e outros times grandes", diz o preparador Noronha Júnior.

Segundo ele, nenhuma promessa foi cumprida ainda. Para o xerente Datopisu, se continuarem tentando, um dia conseguirão estar nos grandes times. "Istou animado. Não é todo dia que aparece uma chance como essa." (MGs)

OUTROLADO

Embaixada francesa lamenta

da Reportagem Local

Tanto a Embaixada da França no Brasil quanto a França afirmam lamentar a situação da seleção indígena, mas dizem não ter nenhuma responsabilidade sobre o ocorrido.

Segundo a assessoria de imprensa da Funai, que tem a tutela dos índios brasileiros, o presidente da entidade, Sullivan Silvestre de Oliveira, recebeu François Xavier Pelletier em audiência e disse que, em princípio, concordava com o projeto da viagem.

No entanto, segundo a assessoria de imprensa da Funai, Silvestre teria pedido ao pesquisador documentos que comprovassem que havia reservas de passagens e em hotéis franceses para liberar os índios para a viagem.

Depois disso, Pelletier não teria voltado mais. Já a embaixada francesa confirma que tanto eles quanto o ministério francês dos Esportes aprovaram o projeto, "que parecia uma ideia muito boa", segundo diz o consultor para assuntos de imprensa, Christian Gerchwind.

Mas Gerchwind afirma que nem a embaixada nem o governo francês podem ser responsabilizados pela situação da seleção indígena, já que não tinham o controle do projeto.

"Nós estamos muito chateados e queremos ajuda a solucionar o problema dos índios, mas não podemos assumir a responsabilidade sobre um projeto que não gerenciamos", diz Gerchwind.

Segundo ele, o apoio a que a Embaixada se propunha poderia, por exemplo, ajudar na liberação da documentação para que a seleção viajasse.

Gerchwind diz ainda que está sendo estudada a hipótese de mandar o grupo para a França, mesmo que não seja possível promover jogos.

"Queremos achar um jeito de pelo menos levar esse pessoal para passear na França, já que não foi possível jogar."

Mas, de acordo com Gerchwind, isso não seria possível durante a Copa, porque todos os hotéis estão lotados. (MGs)

CLÓVIS ROSSI

Calma, a Copa só vai começar agora

Que o Brasil tenha passado pelo Chile não me surpreende tanto como o fato de que muita gente, na mídia e na torcida, tenha levantado a hipótese de que a seleção tupiniquim pudesse ser derrotada.

Não que seja impossível perder do Chile ou de quem quer que seja. Tanto que o Brasil perdeu da Noruega, que jogou, em toda a fase de classificação, bem menos que o Chile. O fato é que, de cada dez partidas que o Brasil jogar com o Chile, ganhará nove.

Nada impediria, óbvio, que o jogo da derrota, o décimo, fosse justamente ontem, mas prefiro sempre confiar na lei das probabilidades.

É por essa lei, testada e aprovada ontem outra vez, que dá para dizer que a Copa, para o Brasil, começa mesmo agora.

Acabaram-se os Marrocos, Es-

cócia e Chiles, com todo o respeito por esses países e também pelo futebol que jogam. Mas a distância entre eles e o Brasil, no campo de jogo, é ainda imensa.

Como continua sendo imensa a distância entre o Brasil e a Noruega, apesar da derrota de terça-feira.

Doravante, no entanto, a lei das probabilidades já não pode merecer fé absoluta e cega.

Começa pela Nigéria, favorita para vencer a Dinamarca hoje e, portanto, para enfrentar o Brasil nas quartas-de-final. Basta lembrar que os nigerianos derrotaram o Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta.

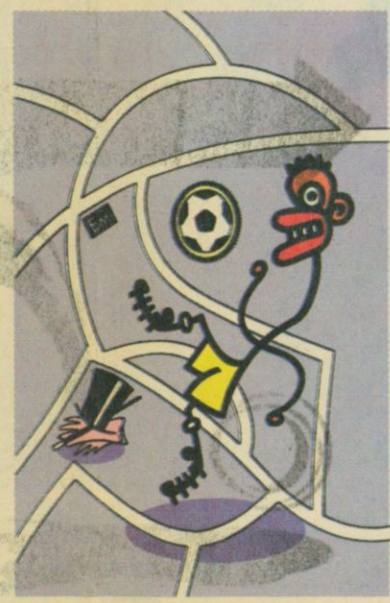
Ganharam, ali, certidão de

maioridade, até porque venceram depois também a Argentina.

São imprevisíveis a ponto de um de seus jogadores, já não me lembro qual, ter dito antes da Copa que tanto poderiam ganhar de todos como perder de todos. Seria uma frase óbvia, não fosse, acima de tudo, a confissão explícita de que o time é mesmo instável, até quando analisado pelos próprios jogadores, obrigados ao otimismo ao menos de público.

Mesmo que o adversário seja a Dinamarca, que se arrasta em campo, as dificuldades tendem a ser maiores ou, no mínimo, parecidas com as que o Brasil encontrou contra a Noruega.

Depois, em tese, será a Argenti-



na e, aí, entra-se definitivamente no terreno do imponderável. A memória da derrota brasileira em pleno Maracanã deve estar ainda fresca o suficiente para que se admita que os argentinos são até levemente favoritos.

Mesmo porque foram superiores aos brasileiros na média das três partidas de classificação, apesar da chocha exibição contra o Japão na estreia.

Prova-o o fato de que criaram com sua torcida, tão exigente como a brasileira, uma empatia que não houve, até agora, entre os jogadores brasileiros e seus torcedores. Depois, é a final, sujeita a chuvas e trovoadas, como qualquer final.

Em outras circunstâncias, faria um sumário bem mais otimista, para o Brasil, do que ainda vem pela frente. Afinal, desde que venceu o prazo de validade da geração Zico/Sócrates/Júnior e cia., não aparecia outra com tamanha quantidade de jogadores de excelência.

Basta lembrar que os dois melhores jogadores do mundo na atualidade, Roberto Carlos e Ronaldinho, atuam pelo Brasil.

Só os dois já deveriam compor um extraordinário fator de desequilíbrio, pró-Brasil.

Penas que nem mesmo após a vitória contra o Chile se possa ter a segurança de que o Ronaldo do Brasil será o Ronaldo do Barcelona ou da Inter e que o Roberto Carlos de camisa amarela será o Roberto Carlos de camisa branca, campeão europeu de clubes pelo Real Madrid.

As vésperas de um momento decisivo costumam ser mais ricas de sentidos do que a própria decisão. E não só no futebol.

Desde que, a partir das oitavas-de-final, todo jogo na Copa é eliminatório, cada um deles tem o significado de uma decisão.

É natural, portanto, que cada jogo seja antecedido de uma tensão especial, logo, especialmente reveladora.

As vésperas de Brasil x Chile, porém, fizeram muitas das suas revelações de modo inusual para brasileiros.

Onde há fumaça, ou repórter, há fogo.

Se não houver fogo, o provável é que o repórter o crie.

Se não houver, nem for criado, não faz mal: o repórter é, por si, uma informação. Basta observá-lo.

JANIO DE FREITAS

Uma novidade brasileira



se, com as providências e urgências práticas.

Vá lá que os hotéis, muitos deles, se antecipassem para cobrar, já na sexta-feira, as contas de despesas extras, na óbvia preocupação contra repentinos sumiços de hóspedes brasileiros depois do jogo com o Chile.

Os hotelheiros têm, com certeza, experiências muito variadas no trato com brasileiros.

Mas a torcida? É feita de fe ça, surda e gritante, descrente de adversários e adversidades.

Ou, nunca se virá, é feita de bilhetes de volta marcados, preventivamente, para logo depois do jogo, para domingo, para se-

gunda, para o mais depressa possível.

Desde meados da semana, as companhias aéreas ficaram sufocadas com a avalanche de reservas pedidas, muito além do disponível em tantos vôos.

E tudo isso por causa de um jogo com o Chile, cuja área sempre foi lugar de diversão brasileira, antes das entradas, sem a menor cerimônia, no gol chileno, para pegar a bola e continuar a brincadeira.

O Chile que, sem ser de todo medíocre, também nesta Copa mais correu do que jogou.

Vencer do Chile, sim, "mas aí vem a Nigéria, e depois viria" — não faz diferença, porque a diferença foi no ânimo, na confiança, no orgulho, na alegria, na passagem da esperança ao temor.